

O ENSINO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA PELO GÊNERO TEXTUAL HQ

Fátima Christina Calicchio¹

RESUMO

Este estudo tem como objetivo evidenciar uma alternativa para o ensino da variação linguística na formação de professores pedagogos. Para tanto, esta discussão apresenta uma pesquisa de caráter bibliográfico, de base na Sociolinguística variacionista, com ênfase na *Pedagogia da variação linguística*, seguindo perspectivas teóricas de autores que têm trabalhado nessa perspectiva como Alkmin (2005), Bortoni-Ricardo (2004), Faraco (2008) e Lyons (1982). Nesta pesquisa, é realizado um exercício de análise no gênero textual História em Quadrinhos (HQ), com a finalidade de mostrar aos futuros professores pedagogos uma alternativa para o ensino e aprendizagem da variação linguística em contexto da sala de aula. Espera-se com esta discussão oferecer reflexões sobre a necessidade de práticas pedagógicas que se voltem para consideração da diversidade linguística.

Palavras-chave: Variação linguística. Gênero textual. Formação Docente.

1 Considerações iniciais

Existe no contexto escolar e extraescolar brasileiro a ideia de que os falantes de uma comunidade linguística falam da mesma forma, evidenciando o que Lyons (1982) denomina de “homogeneidade linguística”, ora, se, de fato, houvesse essa homogeneidade, não existiria diferenças de pronúncia, de vocabulário e de gramáticas, apesar disso, conforme argumenta Alkmin (2005, p. 23) “Qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exhibe variações”.

Ao tomar como verdadeira a “homogeneidade linguística”, citada por Lyons (1982) e considerar as variedades sociais, tidas como inferiores à norma linguística, constataríamos que a escola vem sendo uma das propagadoras do preconceito linguístico. Nesse sentido, nesta pesquisa buscamos responder a esta indagação: Como a escola pode dar conta de ensinar a variação linguística sem estereotipá-la?

E, é essa a questão, que se defronta professores em formação ou já formados, quando se trata do ensino da língua portuguesa, pois seja em situação de estágio ou atuação docente, o

¹ Doutora em Estudos da Linguagem UEL (Universidade Estadual de Londrina), 2024. Mestra em Letras na área de Estudos Linguísticos pela UEM (Universidade Estadual de Maringá), 2014. Graduada em Letras Português/Inglês, Licenciatura Plena e respectivas Literaturas pela UEM (Universidade Estadual de Maringá), 2009.

professor se depara com variáveis linguísticas em textos escritos, na fala de alunos, sejam crianças, de adolescentes ou adultos em processo de ensino e aprendizagem, revelando a diversidade linguística que qualquer comunidade de fala pode apresentar (Alkmin, 2005).

E, esse fator, requer do professor conhecimento e sensibilidade linguística, de forma a auxiliá-lo na compreensão do caráter heterógeno da língua, para que ele, dessa forma, sinta-se mais preparado para lidar de maneira mais adequada, com a variedade que o aluno traz do seu convívio familiar, ao ensinar a norma-padrão.

Diante dessa problemática, neste estudo, objetiva-se deslindar a delicada situação do ensino da variação linguística. Para tanto, apresenta-se uma pesquisa de natureza bibliográfica, de base na Sociolinguística variacionista, com enfoque na Pedagogia da variação linguística, seguindo visões teóricas de autores que têm trabalhado nessa perspectiva como Alkmin, 2005; Bortoni-Ricardo, 2004; Faraco, 2008; Lyons, 1982.

Por essa dimensão, será realizada a análise de uma tira do gênero textual História em Quadrinhos, doravante “HQ” em versão *on-line*, cujo tipo de linguagem foi retirado da página *Depósito de tirinhas*², a fim de se realizar um exercício de análise, considerando três contextos de fala: 1) o contexto de urbanização; 2) o contexto de oralidade-letramento; 3) o contexto de monitoração estilística.

Para tanto, será apresentada uma breve discussão sobre o gênero textual de forma geral, de base nos pressupostos de (Bakhtin, 2001); (Marcuschi, 2008) pois, acredita-se que o estudo do contexto de urbanização e rural, conforme Bortoni-Ricardo (2004) é essencial para que o professor entenda a fala do estudante, dependendo da região e grupo linguístico do qual ele faz parte, conferindo, dessa forma, com esse exercício, a possibilidade de se compreender e ensinar, de maneira mais adequada, a variação linguística em contexto de sala de aula.

Pelo exposto, este trabalho se dará desta forma: Na próxima seção, apresenta-se a fundamentação teórica de base na Sociolinguística variacionista, na sequência procede-se com uma breve discussão sobre o gênero textual. Na seção seguinte, realiza-se um exercício de análise, a fim de aplicar a teoria e evidenciar uma opção de ensino da variedade linguística, por fim, apresenta-se as considerações finais.

2 A Sociolinguística

A Sociolinguística é um ramo da linguística que estuda a língua em seu uso, considerando as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais de sua

² Disponível em: <https://deposito-de-tirinhas.tumblr.com/>. Acesso em: 15 maio 2020.

realização. Nesse sentido, para essa linha de pesquisa, a língua é social e, portanto, não pode ser estudada como um sistema autônomo, independente do contexto situacional, da cultura e da história dos sujeitos falantes que a utilizam para as interações em sociedade, uma vez que “Linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável. Mais do que isso, podemos afirmar que essa relação é a base da constituição do ser humano”, segundo (Alkmin 2012, p. 23).

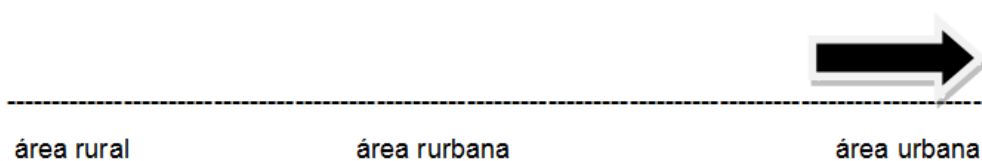
Por essa dimensão, pode-se compreender que a Sociolinguística tem como princípio de que a variação e a mudança linguística são naturais de toda e qualquer língua, por essa razão, devem ser consideradas nas análises e ensino sobre o vernáculo. A esse respeito, os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) de Língua Portuguesa destinados ao terceiro e quartos ciclos do ensino fundamental propõem uma organização para o tratamento da variação linguística:

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em Língua Portuguesa está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades [...] (Brasil, 1998 p. 29).

Pelo exposto em Brasil (1998), no contexto de ensino da língua portuguesa, há de se considerar a diversidade linguística em razão de influência de natureza social, cultural, política, dentre outros fatores, assim, entendemos que, para a Sociolinguística a língua tem um caráter heterogêneo.

E, em consonância à heterogeneidade linguística, há de se falar nos estudos da sociolinguista variacionista de Bortoni-Ricardo (2004), cuja educadora e pesquisadora propõe, para a explicação sobre a dinâmica da variação linguística, que seja imaginado três contínuos, os quais ela denomina de: 1) contínuo de urbanização; 2) contínuo de oralidade-letramento e 3) contínuo de monitoração estilística, conforme ilustra a Figura 1:

Figura 1 – Contínuo de urbanização



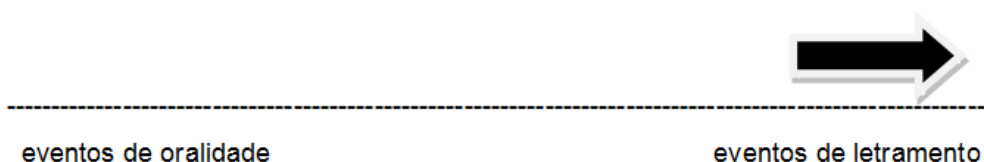
Fonte: (Adaptada de Bortoni-Ricardo, 2004, p. 62).

Como é possível observar pela Figura 1, a autora explica que o contínuo de urbanização pode ser representado pelos falares rurais, urbanos e rurbanos. Estes recebem influência dos falares das áreas rurais e urbanas, como a manutenção do repertório linguístico do falar rural, como a pronúncia, a não marcação de plural, por exemplo. Essas recebem influência de agências padronizadoras de letramento como a imprensa, obras literárias, sobretudo, a escola. Aquelas, como ficam muito isolados em razão do espaço geográfico, recebem influência da falta dos meios de comunicação.

Bortoni-Ricardo (2004) destaca que seria possível situar qualquer falante brasileiro nesses contínuos, ao se considerar a região onde nasceu e vive esse falante. Por exemplo, meus pais nasceram em área rural e migraram para a área urbana, no entanto, meus pais mantêm muitos traços graduais como a redução do sufixo “eiró” em “ero”, a troca do /l/ por /r/, além da marcação de plural apenas no primeiro elemento de um sintagma como: “Francisca pega os gato” (meu pai falando para minha mãe e vice-versa).

Quanto ao contínuo de oralidade-letramento, Bortoni-Ricardo (2004) explica que compreendem como eventos de comunicação, subdivididos em evento de letramento, mediado pela escrita e evento de oralidade, mediado pela fala, contudo nesses eventos não existem fronteiras bem-marcadas para separá-los, já que eles são bem fluídos e se sobrepõem, argumenta a autora, conforme evidencia a Figura 2:

Figura 2 – Contínuo de oralidade-letramento

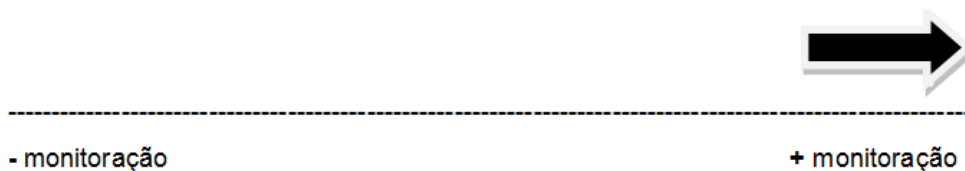


Fonte: (Adaptada de Bortoni-Ricardo, 2004, p. 62).

Segundo evidencia a Figura 2, para entender esse contínuo, pode-se pensar em uma elocução formal (uma aula gravada, por exemplo) em que o professor elabora um roteiro para a aula, ou seja, é um evento mediado pela escrita, contudo, se esse professor, “abrir um parêntese” e contar uma história ou um exemplo que tenha a ver com a “discussão” que seja algum comentário mais informal, estabelecendo uma interação com os alunos, poderia se pensar em um evento de oralidade, já que a mediação é pela via da fala.

E, por fim, o evento de monitoração estilística, que, segundo Bortoni-Ricardo (2004), corresponde às interações mais espontâneas e às que são previamente planejadas, como mostra a Figura 3:

Figura 3 – Contínuo de oralidade-letramento



Fonte: (Adaptada de Bortoni-Ricardo, 2004, p. 62).

De acordo com a exposição da Figura 2, pode-se evidenciar que a autora propõe interações com mais monitoração (essas exigem muita atenção e planejamento) e interações com menos monitoração (essas são realizadas com atenção mínima à forma da língua. E, essas interações mais ou menos monitoradas, estão condicionadas ao contexto, ao interlocutor e ao tópico de conversa.

Dessa forma, esse contínuo de monitoração estilística cumpre a função de oferecer uma pista ao interlocutor sobre o tom do discurso/conversa, como “isso é uma brincadeira”, ou “estou falando sério”, por exemplo, isto é, essa monitoração funciona como uma espécie de moldura, assim, pode-se entender que, esse contínuo, serve como um guia que direcionará os interlocutores sobre a natureza do evento se se trata de uma “declaração de amor”, de “uma queixa”, de “um xingamento”, de “uma explicação”, dentre outros. Finalizada essa breve discussão sobre a Sociolinguística, podemos falar em Norma padronizada³.

2.1 Norma-padrão ou Norma Culta?

No contexto atual do ensino de língua portuguesa, por mais que os estudos linguísticos tenham avançado, ainda está muito presente nas práticas didáticas, atividades com abordagens que privilegiam o ensino de uma variação linguística em detrimento de outras. Isso quer dizer que existe no contexto escolar uma concepção de língua e de gramática como se a língua fosse homogênea. A esse respeito Faraco (2002), explica que a norma-padrão se refere à língua com suas regras de organização fonético-fonológicas, de organização sintático e ideológica, ou seja, é a norma que dita as regras sobre o que se pode e não se pode dizer na

³ Neste estudo, tomamos os termos “norma padrão”, “norma de prestígio social”, “norma padronizadora” como sinônimos.

língua, é uma referência gramatical que não considera o uso efetivo da língua. Já a norma culta para o professor Faraco, compreende a norma falada por uma comunidade letrada, cujo “falar” se aproxima da norma-padrão, já que ela não constitui uma língua de fato. Para ilustrar a norma culta, observe o enunciado na Figura 4, extraído da página de um banco:

COVID-19: O que a gente está fazendo para lidar com esse assunto?⁴

Todo falante que tenha o mínimo de conhecimento sobre a gramática padrão da língua portuguesa sabe que a concordância que acontece como no enunciado do banco Santander acima, com o verbo na terceira pessoa do singular (está) representado pelo sujeito “a gente” variação de (nós) é condenado pela “norma”, como pertencente a um falar de comunidades ignorantes, ou seja, há uma avaliação negativa, é errado, contudo está sendo veiculado pela página de uma agência bancária, cujo público é constituído, também, de pessoas letradas.

Nesse sentido, o tipo de construção como essa do anúncio, embora ainda seja considerado de linguagem coloquial, é aceito, desde que a concordância seja feita na 3ª pessoa do singular Neves (2015), atestando, como explica Faraco (2002, p. 42), que “a norma culta está também em contato com as demais normas sociais: “Como a distância entre a norma culta e o padrão artificialmente forjado era muito grande desde o início, enraizou-se na nossa cultura, uma atitude de purista e normativista que vê erros em toda parte e condena qualquer uso. “

Portanto, conforme argumenta Faraco (2002), muito embora as diferenças entre norma padrão e norma culta sejam inconfundíveis, a cultura letrada está mais próxima da norma, uma vez que “defensores” da norma estão situados nos estratos sociais da norma culta. Por essa razão, o autor defende que não tem cabimento continuar separando o padrão da norma culta, no sentido de flexibilizar as referências padronizadoras, isto é, considerar a diversidade linguística no ensino da língua portuguesa brasileira. Com essa breve discussão sobre norma culta e norma padrão, na próxima seção, passaremos ao estudo sobre o Gênero textual.

2.2 O que é gênero textual mesmo?

Nos estudos sobre a linguística textual é consenso que o texto constitui a unidade básica para o ensino de Língua Portuguesa. A esse respeito documentos parametrizadores como os PCNs para o ensino de Língua portuguesa, defendem que é necessário contemplar em sala de aula, a diversidade de gêneros textuais que circulam em sociedade, já que esse

⁴ Texto adaptado de: <https://www.santander.com.br/>. Acesso em: 2 abr. 2020.

enfoque contribui para a formação de usuários competentes da língua, em razão de essas entidades linguísticas mobilizarem as diferentes situações comunicativas em que se utilizam os gêneros textuais como instrumento de interação social (Brasil, 1998).

Como é possível observar, essa visão sobre os gêneros textuais também considera a língua como heterogênea, já que toda comunicação mediada por textos se dá pela via da língua. Para Bakhtin (1992 p. 275), os gêneros do discurso⁵ são *tipos relativamente estáveis* de enunciados elaborados pelas diferentes esferas de utilização da língua. Isso implica em entendermos que os gêneros textuais são flexíveis, e o falante da língua pode valer-se dos gêneros que já circula, socialmente, modificá-los ou, até mesmo, criar gêneros com base nos já existentes em sociedade.

Segundo Marcuschi (2008) os gêneros textuais são infinitos, pois inúmeras são as situações de comunicação que requerem seu uso. Esse autor destaca que a opção por um ou outro gênero textual está intrinsecamente ligada à intenção e a situação comunicativa em que o usuário está situado no momento da interação.

Assim, entendemos que os diferentes enunciados⁶, sejam orais, sejam escritos, produzidos pelos falantes da língua constituem os gêneros textuais, como o telefonema, uma palestra, piada, bate-papo, romance, crônica, história em quadrinhos (HQ), artigo de opinião, e-mail artigo de divulgação científica, dentre outros, os quais Bakhtin (1992, p. 302) explica que “[...] a diversidade desses gêneros deve-se ao fato de eles variarem” conforme as circunstâncias, a posição social, o relacionamento pessoal entre os parceiros.

Pelo exposto, é possível compreender que o ensino da Língua Portuguesa por meio dos gêneros textuais permite ao estudante dominar progressivamente um número cada vez maior de recursos linguísticos, como o ensino-aprendizagem das variações linguísticas. Com isso, ele terá condições de adaptar o texto a ser produzido, especialmente, sua estrutura, sua linguagem ao contexto comunicativo em que está inserido.

Dessa forma, é possível entender que a exploração dos gêneros textuais em sala de aula é um instrumento que pode desenvolver competências linguísticas, textuais para o aluno, pois é uma significativa oportunidade de se trabalhar com a linguagem nos seus mais diferentes usos do cotidiano.

Após essa discussão sobre os gêneros textuais, na seção que segue, realiza-se um exercício de análise, a partir do gênero textual (HQ).

⁵ Neste estudo, as noções de gêneros do discurso e gêneros textuais são tomadas de forma intercambiável.

⁶ Ato de dizer algo, a alguém em uma dada situação de comunicação.

2.3 Exercício de análise

Como este estudo objetiva possibilitar uma alternativa para o ensino da variação linguística em sala de aula, considera-se oportuna a exploração do gênero textual HQ. Assim, para atender ao proposto pelo objetivo deste estudo, realiza-se uma análise da variação linguística em uma HQ de Chico Bento.

Nesse sentido, procede-se à análise de uma tirinha do gênero textual HQ, extraída da plataforma “Depósito de Tirinhas on-line”, a análise será realizada, tomando como base a Sociolinguística variacionista, especificamente, os contínuos de urbanização, de oralidade-letramento e o contínuo de monitoração estilística de Bortoni-Ricardo (2004).

Segundo essa pesquisadora, no contínuo de urbanização, existem muitos falares diferentes, ao se comparar os falares rurais, urbanos e rurbanos. Nesse sentido, as estruturas linguísticas de áreas rurais, por exemplo, que não continuam em outro falar (urbano) são consideradas como “traços descontínuos”. E as estruturas linguísticas que, embora sejam marcas de um falar rural, por exemplo, continuam na área urbana, a autora classifica-os como “traços graduais”. Para ilustrar esses traços, vejamos esta tirinha de Maurício de Souza:

Figura 5 – Chico Bento e a aula de Português



Fonte: DEPOSITO DE TIRINHAS ON-LINE. **Chico Bento e a aula de português.**⁷

⁷ Disponível em: <https://deposito-de-tirinhas.tumblr.com/search/chico%20bento%20> Acesso em: 12 de maio, 2023.

Ao se tomar o contínuo de urbanização de Bortoni-Ricardo (2004), na tirinha de Chico Bento, evidencia-se que existem traços descontínuos e graduais, a saber: A estrutura linguística como: “Quar” pode ser classificada em traço descontínuo, já que o uso dela não é recorrente na fala urbana, além disso é avaliado de forma negativa, por essa comunidade de fala.

Como exemplo de traços graduais, nesta tirinha, considerando a origem de Chico, evidencia-se às estruturas linguísticas: “as minha nota”, “I”, “qui”, “feiz”, “vô”, “sabe”, “Ocê” e “feiz”, pois, elas aparecem com frequência, dependendo da região, na fala de brasileiros situados nas áreas rurais e urbanas, isto é, estão distribuídos por todo o contínuo de urbanização.

Quanto ao contínuo de oralidade-letramento, Bortoni-Ricardo (2004), observa-se que, na tira de Chico Bento, configura-se como um bom exemplo da fluidez desse contínuo, uma vez que, no contexto da sala de aula, na totalidade, essa interação é mediada pela escrita, contudo, no diálogo entre Chico e a professora, ocorre mini eventos de oralidade, pois, nessa interação emerge uma conversa espontânea, logo, eventos comunicativos que se apoiam na expressão falada.

Diante disso, pode-se constatar que tem perfeito cabimento o personagem de Chico Bento utilizar a linguagem que revela a sua origem familiar, com variáveis sociais da língua, isto é, não padrão da língua.

Acerca do contínuo de monitoração estilística, que para Bortoni-Ricardo (2004), corresponde às interações mais espontâneas e às que são previamente planejadas. Essa autora propõe interações com mais monitoração (essas exigem muita atenção e planejamento sobre a língua) e interações com menos monitoração (essas são realizadas com atenção mínima à forma da língua. E, tais interações mais ou menos monitoradas, estão condicionadas ao contexto, ao interlocutor e ao tópico de interação.

Portanto, ao considerar o contexto da sala de aula, pode-se observar que a professora de Chico Bento evidencia uma fala com mais monitoramento estilístico, visto que, como professora, situada na área urbana, precisa monitorar mais a sua organização linguística, ou seja, ter mais atenção com relação à norma culta, visto que representa a cultura letrada na HQ. E essa interação se processa mediante um quadro de advertência da professora em relação à atitude comportamental e verbal de Chico Bento.

Pela fala do personagem de Chico, embora ele esteja situado em um contexto que exige mais monitoração estilística, observa-se que há, na totalidade da fala de Chico, menos monitoração estilística, pois como se sabe, sobre esse personagem, ele fala a linguagem do

grupo familiar, de influência do falar de áreas rurais, com pouco escolarização, embora radicado na zona urbana, logo é um falar que merece consideração, uma vez que é uma variação que surge em razão da realizada do contexto de uso da língua.

3 Considerações finais

Neste estudo, objetivou-se oferecer uma alternativa para o ensino da variação linguística na formação de professores pedagogos. Com o exercício de análise, constatou-se que é possível ensinar a variação linguística aos alunos, ao se considerar que as variáveis linguísticas são formas realizáveis em conformidade com os contextos em que surgem. Para tanto, se fez necessário mobilizar os fundamentos teóricos da Sociolinguística variacionista, como os contínuos de urbanização, de oralidade-letramento e de monitoração estilística, aliados à discussão sobre a noção de norma-padrão, com isso, foi possível compreender que essa norma é apenas mais uma do português brasileiro, assim como a variante social, a regional, dentre outras.

Neste trabalho, também se apresentou uma reflexão sobre os gêneros textuais e, com isso, foi possível entender melhor as características da língua portuguesa, a fim de que seja possível desenvolver atividades didáticas que contemplem o ensino da variação linguística ao lado da variedade padrão da língua.

Referências

- ALKMIN, T. Sociolinguística. *In*: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 21-47.
- BAKHTIN, M. M., Os gêneros do discurso. *In*: **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAKHTIN, M. & VOLOSHINOV, V.N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2001.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais terceiros e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- DEPOSITO DE TINHAS ON-LINE. **Chico Bento e a aula de português**. Disponível em: <https://deposito-de-tinhas.tumblr.com/search/chico%20bento%20> Acesso em: 12 de maio 2023.

FARACO, C. A. Norma-padrão brasileira – Desembaraçando alguns nós. *In*: BAGNO, M. (org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 37-61.

LYONS, J. **Língua (gem) e linguística**: uma introdução. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual**: análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

NEVES, M. H. de. **Que gramática estudar na escola?** 4. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

SANTANDER. **Covid 19** [on-line]. Disponível em: <https://www.santander.com.br/>. Acesso em: 10 maio 2020.